



“Alguns mistérios já foram compreendidos, mas os maiores ainda estão escondidos”:

A leitura do Apocalipse feita por Joaquim de Fiore.

Prof. Dr. Valtair A. Miranda¹

Rio de Janeiro, RJ

Resumo: No final do séc. XII, uma marcante transição ocorreu na interpretação do Apocalipse de João com o surgimento de uma das mais importantes figuras na história da leitura deste livro: Joaquim de Fiori (c.1135-1202). Esta comunicação quer analisar, sinteticamente: a) os princípios que ele usou para ler o Apocalipse, tratando o livro como uma detalhada descrição do curso da história; b) suas contribuições para a recepção do Apocalipse ao revisar fortemente a leitura de Ticônio-Agostinho e reavivar o milenarismo quiliasta.

Palavras-chave: Joaquim de Fiore, milenarismo, Apocalipse de João – história da leitura.

O homem dos mistérios

Joaquim nasceu em 1145, em Celico, uma vila de Calábria, Itália. Com 14 anos entrou para a corte siciliana, e alguns anos depois fez uma peregrinação à Terra Santa. No seu retorno, se tornou monge em Calábria, e com 33 anos, abade do monastério cisterciense de Corazzo.²

Ele foi um profundo estudioso da Bíblia, vindo a ter um conhecimento do texto canônico tão vasto que ele mesmo o considerou fruto de uma iluminação espiritual. Joaquim não se considerava um profeta em sentido estrito, mas acreditava que o “espírito de compreensão” tinha sido dado a ele para ver o significado profético do Antigo e do Novo Testamentos, e encontrar neles o curso da história mundial e da própria Igreja.

Ele narra no seu Comentário ao Apocalipse que, em uma noite, enquanto meditava, recebeu, como por divina revelação, o sentido do Apocalipse e da Concordância do Antigo e Novo Testamentos. Em suas palavras:

No meio do silêncio da noite, possivelmente no horário em que nosso Leão da Tribo de Judá se levantou da morte, enquanto eu meditava,

¹ Doutor em Ciências da Religião (UMESP), membro do Corpo Editorial de Oracula - Revista de Estudos de Apocalíptica, Misticismo e Fenômenos Visionários da Universidade Metodista de São Paulo, professor no Seminário Batista de Niterói.

² CHARLES, R. H. *Studies in the Apocalypse*. 2. Ed. Edinburgh: T. & T Clark, 1915, p. 16.



de repente a inteireza deste livro e a totalidade do acordo do Antigo e do Novo Testamentos me foram dadas com uma claridade de compreensão em minha mente. (Expositio in Apocalypsim, f. 39 r-v)³

Posteriormente, em 1192, insatisfeito com a ordem cisterciense, deixou o monastério de Corazzo, e buscou abrigo em uma região montanhosa de Consenza, para indignação dos cistercienses, que fizeram vários apelos ao Papa para que ele retornasse. Mas não conseguiram, porque em 1196, Celestino III deu aprovação para que Joaquim estabelecesse um novo monastério em Fiore (ou Floris) e se tornasse seu abade.

Um pouco antes de morrer, em 1202, Joaquim recebeu Ricardo, rei da Inglaterra, e seus bispos, que vieram para uma consulta. A eles o abate de Fiore revelou que a cadeira papal em breve estaria ocupada pelo anticristo, “aquele que Paulo havia descrito como um homem de pecado e de iniquidade”.⁴ Este seria o maior dos anticristos, e já estaria entre os seres humanos.

Após a morte de Joaquim, a Ordem Cisterciense fez gestão para condená-lo oficialmente, mas Homorius III publicou um decreto reconhecendo-o como um verdadeiro católico.

Os mistérios do homem

A frase que dá título a esta comunicação, “*alguns mistérios já foram compreendidos, mas os maiores ainda estão escondidos*”, pode ser encontrada no seu comentário ao Apocalipse (*Expositio in Apocalypsim*, f. 39 r-v). Ela resume bem o que foi a leitura que Joaquim fez do livro de João: conservadora, em um sentido, mas radical em outros. Isto poderia também se aplicar aos seus principais temas teológicos: a interpretação da Escritura, o mistério da Trindade e o sentido da história.⁵

Para situar Joaquim, voltemos na história da recepção do Apocalipse, para o segundo século, quando começa propriamente a recepção da obra de João. Nesta época, levantou-se um forte conflito de interpretação, e o coração da agitação estava no ensino sobre o milênio.

³ Citado a partir de MC GINN, Bernard. *Visions of the End: Apocalyptic Traditions in the Middle Ages*. New York: Columbia University Press, 1979, p. 130.

⁴ CHARLES, R. H. *Studies in the Apocalypse*. 2. Ed. Edinburgh: T. & T Clark, 1915, p. 17.

⁵ MC GINN, Bernard. *Visions of the End*, p. 127.



A crença de que Cristo retornaria para a Terra e inauguraria uma era de mil anos de felicidade é a mais antiga interpretação do Apocalipse, conhecida como Quiliasta, mas igualmente descrita como milenista ou milenarista, baseada numa leitura de Apocalipse:

Então, vi descer do céu um anjo; tinha na mão a chave do abismo e uma grande corrente. Ele segurou o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás, e o prendeu por mil anos; lançou-o no abismo, fechou-o e pôs selo sobre ele, para que não mais enganasse as nações até se completarem os mil anos. Depois disto, é necessário que ele seja solto pouco tempo. Vi também tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar. Vi ainda as almas dos decapitados por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da palavra de Deus, tantos quantos não adoraram a besta, nem tampouco a sua imagem, e não receberam a marca na fronte e na mão; e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos. (Apocalipse 20:1-4)

No segundo e terceiro século, a maioria dos autores que interpretaram o Apocalipse eram quiliastas. Eles acreditavam que quando Cristo retornasse sobre a terra, os mortos seriam ressuscitados e habitariam num paraíso na terra junto com os crentes que ainda estivessem vivos. Eles esperavam que Cristo reinasse na terra por mil anos em uma era de prosperidade material, em companhia dos mártires e outros crentes leais.

Justino Martir (100-165), o primeiro escritor cujas observações sobre o Apocalipse sobreviveram, era quiliasta. Outros autores de mesma tradição foram Irineu (130-200), Tertuliano (160-225), Hipólito (170-230), Vitorino (304), Lactâncio (240-320), Metodio (morreu em 311), Comodiano (provavelmente do terceiro século).⁶

Foi apenas no quarto século que o quiliatismo perdeu força. A interpretação que o sucedeu como prevaiente foi a de um leigo da igreja donatista de nome Ticônio. Ele escreveu um comentário sobre o Apocalipse. Em sua obra, ele prescreve uma série de regras de leitura. Uma delas era o princípio de recapitulação, adotado de Vitorino. Outra regra era que em profecia um dia pode ser um mês e um ano pode ser um dia. Segundo ele, o livro de João deveria ser lido, então, simbolicamente ou alegoricamente.

Ele ainda rejeitou o quiliatismo, afirmando que o milênio já começara. O período descrito em Apocalipse 20 não era consequência de uma divina intervenção no final da história, mas se estenderia entre a primeira e a segunda vinda de Cristo.

⁶ WAINWRIGHT, Arthur W. *Mysterious Apocalypse: interpreting the Book of Revelation*. Wipf and Stock Publishers: Eugene, 2001, p. 21-30.



Ticônio igualmente rejeitou a crença quiliasta em duas ressurreições físicas da morte, uma para os crentes no início do milênio e outra para o restante da humanidade no final do milênio. A primeira ressurreição, ele argumentou, era a transformação espiritual que ocorre no batismo. Somente a ressurreição final seria física, quando todos os seres humanos seriam ressuscitados da morte.

A interpretação de Ticônio conseguiu o apoio de Agostinho (354-430). E foi o homem de Hipona que popularizou esta forma de interpretar o Apocalipse, fazendo com que esta se tornasse a leitura dominante, praticamente sem concorrência, por quase oito séculos.

Uma importante marca da leitura de Ticônio-Agostinho era se silenciar sobre os eventos históricos dos seus próprios tempos e falar de história em termo mais geral que particular. A tendência era encontrar explanações amplas para as passagens do Apocalipse, se recusando a fazer qualquer alusão a eventos de seus próprios dias. A visão de um milênio no futuro foi abandonada.

O livro era lido fazendo-se grandes esforços para não fazer qualquer relação entre as imagens do livro e eventos contemporâneos aos expositores ou leitores da obra. A interpretação se tornou cada vez mais abstrata e sem relação com eventos concretos da história ou mesmo com a existência da Igreja.⁷

Essa monotonia interpretativa só foi quebrada no século XII com o aparecimento de Joaquim. Recorrendo novamente aos métodos de leitura de Irineu e Vitorino, mesmo fazendo uso eventual das idéias de Ticônio, o abade visionário encontrou eventos dos seus próprios dias “escondidos”, prefigurados, no Apocalipse, bem como sinais do iminente fim do mundo.

Com isso, apesar de Joaquim não ser estritamente um quiliasta, suas idéias sobre o cumprimento de algumas profecias do Apocalipse abriram as portas para o reaparecimento posterior da expectativa de um milênio futuro na terra.

Joaquim tinha uma grande preocupação em encontrar um sentido para a humanidade. Em suas obras, verificamos que ele se dedicava a encontrar uma estrutura ou organização para a história. E um dos elementos para esta organização, o abade encontrou no livro de João. Para ele, o Apocalipse era uma espécie de chave de leitura da história, ou pelo menos de parte dela.

⁷ WAINWRIGHT, Arthur W. *Mysterious Apocalypse*, p. 49-66.



Segundo ele, a história da humanidade poderia ser dividida em três grandes Eras. A primeira, a Era da Lei, poderia receber o título de Era Petrina; e teria começado com Adão e se estendido até o primeiro advento de Jesus.

A segunda, a Era do Evangelho, poderia receber o título de Era Paulina; começou no tempo de Uzias, rei de Judá, e se estenderia até o tempo do próprio Joaquim.

A terceira seria a Era do Espírito, que teria começado com Benedito (c. 480-550), mas alcançaria sua mais completa expressão apenas algum tempo depois do abade de Fiore. Esta Era do Espírito seria um período de perfeita liberdade e felicidade, e poderia receber o título de Era Joanina. Segundo os cálculos do abade, ela teria seu início no ano de 1260.

Estas três eras representariam a Trindade: a Era do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

A duração das duas primeiras eras seria de 6000 anos, na forma de seis grandes períodos mundiais, em concordância com os seis dias da criação da narrativa de Gênesis. O sétimo período mundial, conseqüentemente, seria o descanso sabático, uma era de mil anos de paz, que inauguraria a Era do Espírito.

Joaquim dividia o Apocalipse de João em oito partes. As primeiras seis partes do Apocalipse conteriam a descrição da Segunda Era da história mundial, a Era dos Filhos, na forma de seis períodos de conflito entre o reino de Deus e o mundo. A sétima parte do Apocalipse coincidiria com a inauguração da Era do Espírito, e apareceria na descrição do milênio de Apocalipse 20. A oitava parte do Apocalipse, por sua vez, consistiria nas visões finais de consumação de todas as coisas.

A estrutura do Apocalipse, então, se desdobra desta forma:

- Primeira parte: As cartas às sete igrejas (1.1-3.22);
- Segunda parte: A abertura dos sete selos (4.1-8.1);
- Terceira parte: As sete trombetas (8.2-11.18);
- Quarta parte: As duas bestas (11.19-14.20);
- Quinta parte: As sete taças (15.1-16.17);
- Sexta parte: A destruição da Babilônia (16.18-19.21);
- Sétima parte: O milênio (20.1-10);
- Oitava parte: A nova Jerusalém (Ap 20.11-22.21).

Ele procura fazer a correspondência histórica da Era dos Filhos, e conseqüentemente das seis primeiras partes do Apocalipse, da seguinte maneira:



- Primeira parte: fase dos sacerdotes;
- Segunda parte: fase dos mártires;
- Terceira parte: fase dos doutores da Igreja;
- Quarta parte: fase dos monges e virgens;
- Quinta parte: fase da Igreja em geral;
- Sexta parte: fase do julgamento da Babilônia.

Joaquim não tem dificuldades em fazer identificações diretas dos personagens da sexta parte. Para ele, a primeira besta de Apocalipse 13 seria o movimento de Maomé; a segunda besta, também denominada de falso profeta, poderia ser vista no soerguimento das seitas heréticas. Ele ainda interpretou os Quatro Viventes de Apocalipse 4.6-9 como pastores, diáconos, doutores e monges contemplativos.

Sua interpretação das duas testemunhas de Apocalipse 11.3-12 alcançou grande repercussão. Para ele, eram duas ordens religiosas que iriam se manifestar no final dos tempos, ainda antes da Era do Espírito. Com elas a Igreja seria renovada com simplicidade e poder apostólico. Seus leitores, posteriormente, não tiveram dificuldades em apontar o cumprimento desta profecia no surgimento dos Franciscanos e Dominicanos.

Joaquim revisou drasticamente a doutrina de Agostinho sobre o milênio. Para ele, Satã foi somente parcialmente amarrado na morte de Cristo. Sua prisão completa só se daria quando as bestas e o falso profeta fossem jogados no lago de fogo e todos os sete chifres da besta fossem destruídos. Neste tempo, a Era do Espírito, ou o milênio, começaria na sua plenitude.

Para Joaquim, existiam muitos anti-cristos, mas o maior deles seria um papa usurpador com domínio sobre toda a terra. Para enfrentá-lo se levantaria um papa angélico, identificado por ele como o “anjo que sobe do nascente do sol” de Apocalipse 7.2. Este seria o profeta de uma nova era.

O abade não foi hostil ao papado, mas esta identificação do Anticristo deu força para posteriores interpretações anti-papais do Apocalipse. Iniciou-se uma corrente interpretativa que ligava o papa ao Anticristo. John Milicz (1374), Matias de Janow (1394) e John Hus (1369-1415) entendiam que o papa era o adversário escatológico do Cristo no seu retorno glorioso à Terra.



A oposição ao papado tornou-se uma bandeira dos movimentos reformadores, e a interpretação anti-papal tornou-se dominante entre os protestantes. Lutero descreveu o papado como o Reino da Babilônia e o Papa como o anti-cristo. As forças do mal, para ele, estavam encarnadas no papado, e em especial naquele que se assentava na cadeira de Pedro. Philip Melancton e outros luteranos seguiram este caminho de interpretação. Outro a seguir por este caminho foi o anglicano John Bale (1495-1563), que usava o Apocalipse para descrever negativamente a Igreja Romana e o Islã.⁸

Conclusão

As circunstâncias poderiam explicar parcialmente o surgimento das idéias de Joaquim de Fiori. Ele viveu durante a Era das Cruzadas. Mulçumanos ocupavam Jerusalém desde o séc. VII, mas por muitos anos eles tinham permitido que cristãos continuassem as peregrinações à cidade santa. No séc. XI, entretanto, a política mulçumana mudou. Eles perseguiram os cristãos na terra santa e profanavam os santuários da cidade. Como resposta a estas ações, os cristãos do ocidente iniciaram as cruzadas. Estes eventos e estas esperanças ajudaram na promoção ou popularidade da interpretação de Joaquim, que escreveu seu comentário do Apocalipse neste contexto. Por isso ele identifica uma das sete cabeças da besta como o líder mulçumano Saladim (1137-1193).

Outra importante série de eventos foi a controvérsia sobre a investidura do clero. Quem faria a indicação para os cargos eclesiásticos? O Papa ou os imperadores? Nesta conjuntura, Joaquim descreve outra das sete cabeças da besta como o imperador germânico Henrique IV (1050-1106), que esteve envolvido na controvérsia com a igreja sobre a investidura.

A doutrina milenarista da terceira Era, por sua vez, reproduz o clima de insatisfação que prevalecia nos seus dias. Não apenas a ameaça mulçumana, ou as controvérsias eclesiásticas entre papas e imperadores, mas também o descontentamento de movimentos dissidentes, como os valdenses, e a frustração de uma grande camada de camponeses, para quem a vida era difícil e injusta, fez com que a promessa de um futuro glorioso na terra se tornasse um forte apelo.

⁸ WAINWRIGHT, Arthur W. *Mysterious Apocalypse*, p. 61.



Em suma, “Joaquim foi um homem que respondeu, e ao mesmo tempo moldou, as forças em ação no seu mundo, dando ao Apocalipse um sentido para sua época.”⁹

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARLES, R. H. *Studies in the Apocalypse*. 2. Ed. Edinburgh: T. & T Clark, 1915. 199p.

DANIEL, E. Randolph, Joaquim of Fiore: Patterns of History in the Apocalypse. In: EMMERSON, Richard K.; MC GINN, Bernard (ed.) *The Apocalypse in the Middle Ages*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1992, p. 72-88.

MC GINN, Bernard. *Visions of the End: Apocalyptic Traditions in the Middle Ages*. New York: Columbia University Press, 1979. 377 p.

WAINWRIGHT, Arthur W. *Mysterious Apocalypse: Interpreting the Book of Revelation*. Wipf and Stock Publishers: Eugene, 2001. 293 p.

⁹ DANIEL, E. Randolph, Joaquim of Fiore: Patterns of History in the Apocalypse. In: EMMERSON, Richard K.; MC GINN, Bernard (ed.) *The Apocalypse in the Middle Ages*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1992, p. 88.